

# O NOVO ESPAÇO DA PRODUÇÃO GLOBALIZADA: O MÉDIO-BAIXO VALE DO RIO AMAZONAS-PA

Patrícia Feitosa Souza<sup>1</sup>

## 1 - Introdução

O presente trabalho levanta questões pertinentes à compreensão dos efeitos da globalização no atual período a partir da inserção de espaços da Amazônia brasileira no circuito espacial da produção de alumínio<sup>2</sup> (Mapa 01). O caso estudado neste artigo é a região do Médio-Baixo Amazonas, que inclui uma análise específica do município de Oriximiná, situado na porção setentrional do vale do rio Amazonas, no estado do Pará, que vem passando por agudas transformações relacionadas aos processos de globalização da indústria do alumínio no mercado mundial<sup>3</sup>.

O município de Oriximiná (Mapa 02), sede da empresa de extração e primeiro beneficiamento de bauxita<sup>4</sup>, cujo funcionamento contaria com o apoio do Estado e da

---

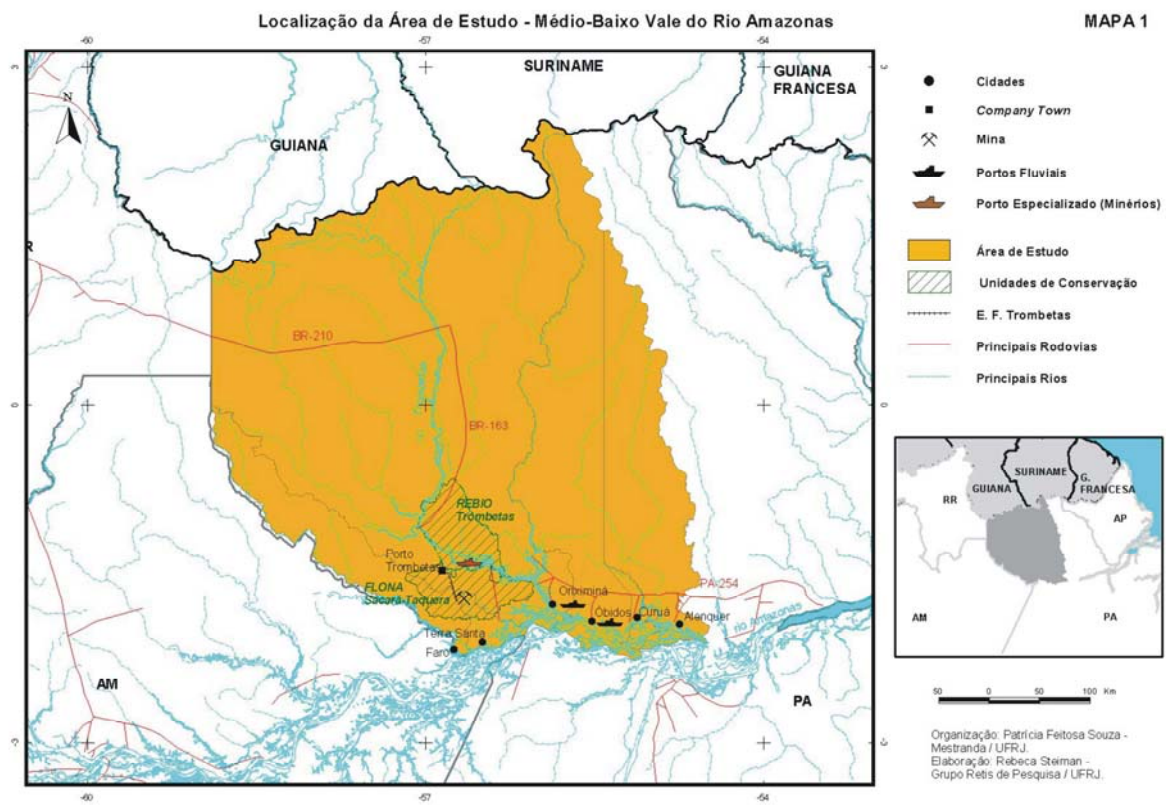
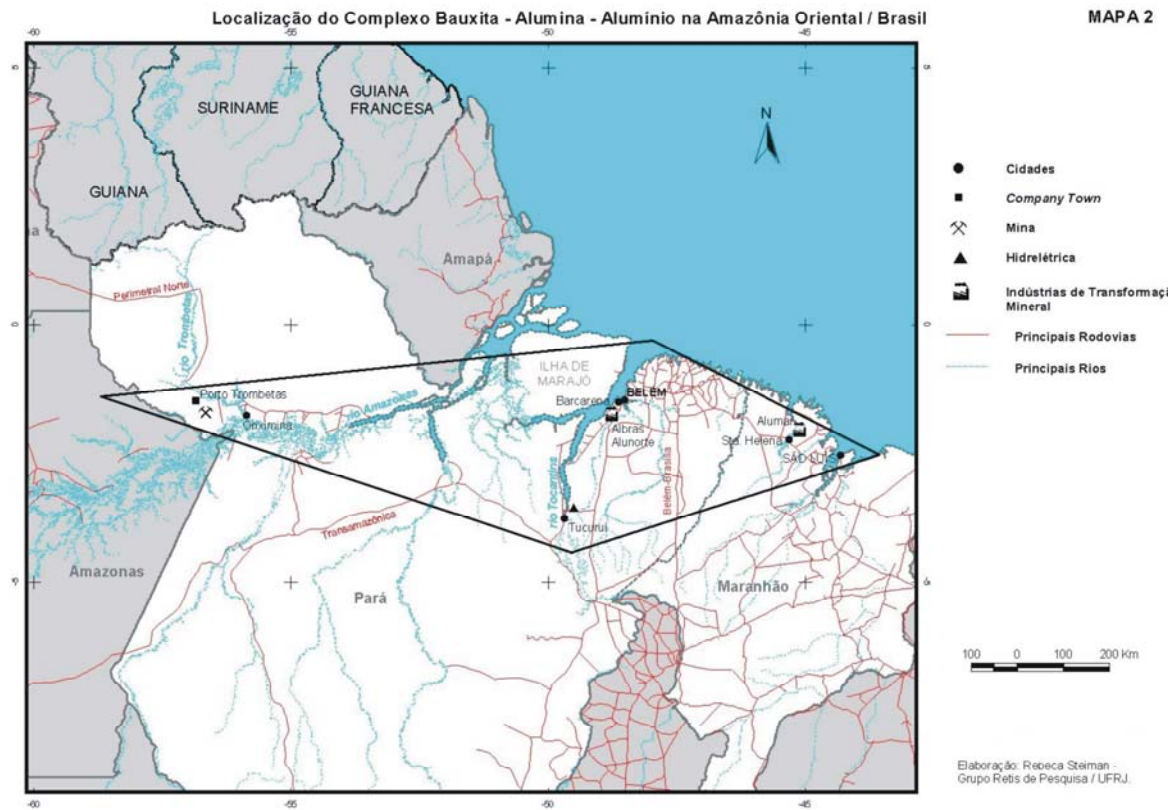
<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGG/UFRJ. UFRJ – trizzia@hotmail.com

<sup>2</sup> A este respeito, COELHO *et al.* (2003) observa que o município de Oriximiná e o seu entorno inserem-se na área de abastecimento de recurso mineral do espaço funcional do circuito espacial da bauxita-alumina-alumínio, por eles denominado, na Amazônia Oriental. Conforme os autores à sub-área da cidade de Oriximiná, em cuja proximidade encontram-se as minas de bauxita e as atividades voltadas para seu primeiro beneficiamento, que se realizam junto ao próprio local de extração por razões técnicas e econômicas, não reúnem condições favoráveis à atração de indústrias, por estarem situadas a distâncias consideráveis dos grandes centros urbanos e por não dispor de hidrelétricas. Isto resulta, em parte, no deslocamento do minério de bauxita para as indústrias de metalurgia do alumínio em Barcarena, no estado do Pará, e São Luis, no estado do Maranhão, ou ainda para o mercado canadense, americano e europeu.

<sup>3</sup> A indústria do alumínio tem se destacado como uma das primeiras indústrias verdadeiramente globais e uma pioneira nesse processo. Como parte deste processo, a partir dos anos de 1960 a 1990 registra-se uma nova etapa da globalização de sua indústria, marcada pela disseminação geográfica no mercado mundial, levando a expansão de empresas globais à regiões periféricas, ricas em matérias-primas. Tal realocação explica-se, em parte, pelo esgotamento das reservas minerais de bauxita (principal matéria-prima utilizada na produção do alumínio), no eixo central, o que conduziu a criação e a instalação de empresas, incorporando novos territórios a esta economia. Por isso, regiões aptas para a extração e produção do alumínio ganharam um novo significado no mercado desta *commodity*. Nesse decorrer, o Brasil passou a ser um dos países produtores, especialmente a partir do final da década de 1960, quando a riqueza em matérias-primas apresentava um caminho para o desenvolvimento (CINCCANTELL, 2003).

<sup>4</sup> A realocação de empresas globais de fabricação do alumínio para Oriximiná como a Alacan, Billiton, Alcoa, Reynolds, Norks Hydro e a Albaco associadas à CVRD e a CBA, por meio de *joint-venture*, possibilitarão a criação da empresa Mineração Rio do Norte - MRN, responsável pela exploração de bauxita no referido município, que só foi possível graças a localização no seu território de um depósito de bauxita economicamente viável a montante de um rio navegável, mais a construção de um porto num ponto que pode acomodar navios com calado suficiente para até 60 mil toneladas, além da disposição que o país minerador teve em compartilhar os custos de infra-estrutura e de construção das instalações localizadas a aproximadamente 80 KM da cidade de Oriximiná, conforme retrata BUNKER (2001).

empresa investidora, MRN, via implantação do pólo mineral de Trombetas, inaugurou o começo de um novo período, marcado por um vigoroso



processo de transformação na esfera produtiva, na sua ocupação territorial e nas relações sociais de produção. Nessa direção, houve a especialização produtiva do território neste arranjo sub-regional, que exigiu a introdução de novos sistemas de engenharia, dotados de objetos técnicos – fixos, que hoje em dia, são responsáveis pela geração de novos fluxos com caráter distintos, presumivelmente, diferentes do tipo de circulação que predominava na região.

As transformações na geografia da região criaram para os sub-espacos regionais efeitos diversos. O fato é que a concentração espacial de investimentos, em um a única área, tem gerado mudanças significativas. A infra-estrutura para o funcionamento do projeto e o aumento da extração e beneficiamento da bauxita dotou o espaco regional de novas condições e possibilidades. Por isso, o novo perfil revela, diferenciações na disposição espacial do povoamento, no grau de urbanização, na evolução urbana das cidades, na capacidade de arrecadação e na autonomia financeira dos municípios. Desigualdades promovidas pela diversidade de objetos geográficos fixados no espaco e seus impactos na vida de relações do espaco urbano-regional. Ao discutir tais aspectos, o propósito deste texto é levantar questões pertinentes à compreensão dos processos de (des) estruturação e (re)estruturações espaciais, decorrentes da implantação das empresas mineradoras de grande porte, principalmente, no que se refere aos efeitos regionais e locais desta forma de organização produtiva, tendo em vista as relações entre fixos e fluxos que explicam as (re) estruturações urbano-regionais.

Para compreender quais as conseqüências locais e regionais da inserção de um espaco local na economia mundial do alumínio e as novas trajetórias geográficas criadas neste subespaco, o texto que ora apresentamos se inicia retratando o perfil da nova realidade do Médio-Baixo-Amazonas<sup>5</sup>, onde se insere o município de Oriximiná. Em seguida, tratamos de expor alguns conceitos básicos que norteiam nossa discussão. Num outro momento, mencionamos as transformações provocadas na cidade de Oriximiná e o papel regional, hoje, por ela exercido. E por fim, relatamos as alterações ocorridas nas relações entre e as demais cidades situadas no seu entorno, principalmente, a vida de relações estabelecida entre a *Company-Town*<sup>6</sup> e a sede municipal do empreendimento minerador.

## **2 - A nova organização territorial. Uma transição?**

---

<sup>5</sup> A sub-região por nós denominada de Médio-Baixo Amazonas acha-se inserida na mesoregião definida pelo FIBGE como Baixo Amazonas. Tal região corresponde a nossa área de estudo que é constituída dos seguintes municípios: Alenquer, Curuá, Faro, Óbidos, Oriximiná, Terra Santa e Monte Alegre.

<sup>6</sup> Denominação utilizada para caracterizar qualquer formação habitacional de caráter autárquico ligada a uma empresa ou companhia que demande formações habitacionais de apoio aos funcionários empregados no processo produtivo (RODRIGUES, 2002).

Para abordar as questões de organização do território e os desdobramentos espaciais que revelam, certamente, os efeitos da incorporação de áreas periféricas em subsistemas especializados de produção, é mister entender que a região do Médio-Baixo-Amazonas, especificamente, o município de Oriximiná, sempre teve como marca na história de sua ocupação a vocação extrativista. Porém, a partir de 1970, a economia regional alterou a configuração espaço-material da sua estrutura ao introduzir o extrativismo industrial, representado pela implantação da minero-metalurgia da bauxita no espaço regional.

Antes de tentar resgatar os elementos básicos da construção da espacialidade desta região, dedicaremos algumas linhas ao referencial teórico ora utilizado, no que diz respeito a algumas noções fundamentais que nos auxiliarão a compreender os efeitos provocados pela reorganização produtiva do território. Neste sentido, o estudo dos impactos promovidos pelos pólos de extração mineral, na organização espacial das cidades, pode ser analisado a partir das noções teóricas relacionadas às novas variáveis espaciais criadas: fixos e fluxos (SANTOS, 1994), que introduzidos no espaço geográfico organizam e desorganizam permanentemente a sua estrutura. Por isso, o exame das novas estruturas sócio-espaciais, implica no auxílio da teoria da reestruturação social.

A implantação de um projeto minerador implica, necessariamente, no desenvolvimento de um sistema de engenharia que consiste em dotar as áreas de infraestrutura, serviços e formas de organização de trabalho voltadas à produção e comércio de *commodities* minerais. O porto, as rotas de navegação, as zonas produtivas, a ferrovia, o aeroporto, a *Company-Town* e a usina de eletricidade permitiram a expansão de sistemas técnicos nesse território, para os quais se utiliza a denominação de sistemas de engenharia<sup>7</sup>.

O deslocamento desses sistemas de engenharia para a região respondem, quase sempre, a requalificação. Na verdade, as novas formas geográficas são em grande parte responsáveis por essa evolução. Estrada, porto, ferrovia, cidade da companhia, foram implantados para otimizar a produção, aproximar as áreas, facilitar os contatos e propagar as novidades, tornando o espaço mais diversificado e heterogêneo. É assim que esse ditame organizacional termina por redefinir o espaço como uma reunião dialética de fixos e fluxos; um conjunto contraditório, formado por uma configuração territorial<sup>8</sup> e por relações de

---

<sup>7</sup> Este se define como o conjunto de instrumentos de trabalho agregados à natureza e de outros instrumentos de trabalho que se localizam sobre a mesma (SANTOS, 1997:79).

<sup>8</sup> Segundo SANTOS (1997:75) "... A configuração territorial é o território e mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que os definem".

produção (relações sociais); ou ainda como um espaço constituído por sistemas de objetos e sistemas de ações<sup>9</sup> (SANTOS, 1994).

A partir desse quadro, o espaço, objeto de modificações, se redimensiona, como um subespaço, para responder aos interesses do capital. Eis por que novos sistemas de engenharia foram criados, por firmas, para atender as necessidades do mercado internacional de *commodities* minerais. A geografia é assim recriada, resultado de fixos e fluxos requeridos enquanto condições-suporte para as novas atividades produtivas (SANTOS, 1994).

Nesta perspectiva, o espaço é sempre, formado de fixos e de fluxos, fixos que nos dão o processo imediato do trabalho, quer dizer, são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral. Fixos que ao serem instalados no espaço geram o movimento, a circulação – os fluxos, que nos dão, também, a explicação para os fenômenos da distribuição e do consumo. É dessa forma que o espaço se compõe de um objeto geográfico, um fixo, um objeto técnico, enfim, de coisas fixas que provocam fluxos, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas, fazendo com que o entendimento do espaço hoje, seja marcado por esses acréscimos que lhes dão um conteúdo extremamente distinto (SANTOS: 1994; 1996; 1997).

Os novos arranjos espaciais nessas condições criam especializações territoriais, que tendem a particularizar o espaço regional e torná-lo cada vez mais complexo. Esta complexificação justifica-se pela nova base da organização produtiva espacial depender da introdução de novos fixos, que ao avolumarem-se no território, orientam o dinamismo dos novos fluxos geradores e modificadores da intensidade e do sentido das relações, alterando a natureza das relações precedentes, que se restringiam e limitavam-se ao espaço local, mas que hoje em dia orientam-se por uma nova lógica, ao incluir fluxos de alcances internacionais, regionais e locais. Neste caso, mais do que em outros, torna-se crucial entender todo o processo das relações entre “*grandes obras*” e o “*espaço*” (SANTOS, 1994:110), ressaltando o sentido e a direção das mudanças espaciais.

O aparecimento de novos sistemas de engenharia, dotados de objetos técnicos – fixos e fluxos variados, requeridos para otimizar a produção, supõe a adaptação do espaço

---

<sup>9</sup> SANTOS (1994:90;91) discutindo espaço e totalidade, afirma que hoje a tarefa de entender o todo, perpassa pela compreensão do espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. Nesta perspectiva, o autor define os sistemas de objetos como sistemas concretos, isto é, sistemas que se aproximam cada vez mais da natureza, buscando imitá-la. Sistemas que são constituídos por objetos cujo o valor corresponde a sua eficácia, ou seja, a sua contribuição para a produtividade da ação econômica e das outras ações, por isso, são objetos que tendem à unicidade, quer dizer, tendem a formar um sistema. Paralelamente, o autor denomina de sistemas de ações todos os sistemas formados por ações racionais, obedientes à razão do instrumento, e, portanto, são ações que não se explicam a todos, mas apenas aos seus agentes, que apesar disto não estão isoladas, são feitas por um mecanismo de arraste, que se dá, também, em forma de sistema.

para atender, sobretudo a importância e o significado de interesses dos novos padrões produtivos, impostos pela mineração. Forma-se, assim, o fundamento de uma nova organização espacial, gerada para responder às necessidades renovadas deste subespaço, agora capacitado a participar de relações de troca em níveis mundiais. Nessas condições, e como ressalta os novos sistemas de engenharia criados, o próprio espaço se converte num dado novo, que permite reconhecer a possível mudança nas trajetórias sociais da região. Tal pressuposto nos é útil para levantar a hipótese de que uma atividade econômica ou a infra-estrutura a ela correspondente pode, em certa medida, funcionar como uma fonte de desestruturação/reestruturação do espaço, instituindo, sobretudo, novas dinâmicas locais e regionais.

Em outras palavras, o espaço geográfico ao ser o palco dos novos fluxos e fixos, e, simultaneamente, ao reagir a introdução das novas formas espaciais - enquanto um agente ativo dos processos sociais, redefine movimentos imprevisíveis, produtores de reestruturas e (des) estruturas espaciais, que nos leva a recorrer ao exame da teoria da reestruturação para melhor compreender os efeitos das mudanças provocadas com a introdução dessas novas variáveis.

A teoria social da estruturação, desestruturação e reestruturação sócio-espacial, majoritariamente, influenciada pelas obras de GIDDENS (2000) e SOJA (1993), fundamenta-se na visão dos processos de reestruturação social como resultado e condicionante de novas mudanças estruturais decorrentes de rupturas com uma situação de estabilidade. Para GIDDENS (2000), do ponto de vista da teoria da estruturação, a mudança social está associada às idéias de estabilidade e mudança, ou constância e mudança. Nesta direção, o autor mencionado ainda reforça que as categorias tempo e espaço são imprescindíveis à compreensão como os sistemas sociais se organizam (no tempo e no espaço), isto é, como eles se estruturam, desestruturam e reestruturam gerando estruturas espaço-temporais, ou seja, esta é uma abordagem possível que parte da estruturação espaço-temporal da vida social para uma análise empírica das mudanças da sociedade e do espaço por ela vivido e transformado.

Nessas condições, a transformação estrutural do espaço é um produto histórico e social, no qual a reestruturação da sociedade é reveladora de uma mescla complexa e irresoluta de continuidades e mudanças (SOJA, 1993:194), o que, por si, já condiciona afirmar que a passagem de uma estrutura a uma outra estrutura é um processo de reestabilização estrutural, que atinge a toda configuração sócio-espacial.

Dessa maneira, a atividade mineral introduzida numa determinada área geográfica atua como elemento desestruturador e (re)estruturador das atividades produtivas, ao mudar a lógica que orienta a economia regional. A mudança na estrutura econômica é acompanhada

das transformações na estrutura social. As formas tradicionais de exploração da terra são substituídas por formas capitalistas mais avançadas. As redes de transportes, comunicações e energias são expandidas, criando novas possibilidades de desenvolvimento e de incorporação das atividades agrícolas e pecuárias na economia regional. Desta forma, em pontos específicos cresce a possibilidade de emergência de uma economia urbano-industrial, que possivelmente suscita reestruturações urbano-regionais, que requerem novas interpretações.

### **3 - Mineração e Reestruturação do Território**

A partir da década de 1970, uma série de processos irá transfigurar drasticamente a dinâmica sócio-espacial do Médio-Baixo Amazonas. A descoberta de fartas jazidas de bauxita em Oriximiná, que se estendem até Terra Santa e Juriti, atraiu grandes empresas para explorá-las. Inaugura-se uma nova fase. Como parte deste processo de modernização o Médio-Baixo Amazonas seria uma das regiões que o poder central pretendia “integrar” ao restante do país, no contexto das “políticas nacionais de desenvolvimento”, que orientadas por projetos de colonização regional e pela construção de rodovia vislumbravam a inserção da região às frentes de expansão do capital. Neste contexto, houve a abertura das rodovias Transamazônica (BR-230), Cuibá-Santarém (BR-163) e Perimetral Norte (BR-210, para conectar por via terrestre as frentes migratórias e os grandes fazendeiros que iriam ocupar as terras ao longo da região, e/ ou participar da implantação dos pólos agropecuários e agrominerais previstos no II Plano Nacional de Desenvolvimento (1974-1979).

Como resultado disso, a emergência da economia da bauxita vem produzindo efeitos múltiplos sobre a organização do espaço. Para a expansão de tal atividade o município-sede do empreendimento foi dotado de novos elementos espaciais, geradores de desigualdades entre o espaço da mineração e o de seu entorno<sup>10</sup>. Os investimentos na região foram responsáveis pela alteração do processo de distribuição espacial do povoamento. A construção de vias de transporte (estradas) e a implantação de grandes empreendimentos econômicos redimensionaram a forma de apropriação do território, deslocando o foco de sua ocupação da várzea para a terra firme.

Complementando esse panorama pleno de transformações, a região experimenta a partir desse período mudanças no seu perfil demográfico (Quadro 01). As novas qualidades do espaço geográfico regional, advindas com a expansão da atividade de extração mineral, permitiram evoluções distintas na distribuição e dinâmica da população dos municípios

---

<sup>10</sup> O entorno é o espaço externo ou marginal às áreas de mineração. Ele se distingue não só por sua posição geográfica ao redor do centro, mas também pela dispersão de sua população e pelas atividades predominantemente rurais. O entorno das áreas mineradoras é o lugar para onde os centros de mineração tendem a se estender territorialmente e a limitar ou regular (COELHO, 2002:138-139)

circunvizinhos à indústria de extração. A nova trajetória populacional dos municípios evidencia alterações na redistribuição espacial da população, tanto no volume de população total quanto no contingente da população urbana e rural.

**QUADRO 01 - Médio-Baixo Amazonas-PA/ Oeste do Pará: população urbana e rural, 1970-2000.**

Municípios	População	1970		1980		1991		2000	
		N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Oriximiná	Urbana	6,671	35,12	12,029	40,64	21,163	51,42	28,181	58,30
	Rural	12,323	64,87	17,565	59,33	19,991	48,57	19,151	39,62
	Total	18,994		29,594		41,154		48,332	
Alenquer	Urbana	11,687	33,37	17,755	39,86	21,958	41,54	25,16	60,26
	Rural	23,334	66,62	26,784	60,13	30,898	58,45	16,624	39,78
	Total	35,021		44,539		52,856		41,784	
Curuá	Urbana	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rural	-	-	-	-	-	-	-	-
	Total	-	-	-	-	-	-	-	-
Faro	Urbana	4,361	43,37	6,599	52,39	8,884	65,44	4,918	48,99
	Rural	5,693	56,62	5,996	47,6	4,69	34,55	5,119	51
	Total	10,054		12,595		13,574		10,037	
Monte Alegre	Urbana	6,007	21,16	10,673	28,15	16,987	36,18	20,921	34,1
	Rural	22,372	78,83	27,231	71,84	29,964	63,81	40,413	65,89
	Total	28,379		37,904		46,951		61,334	
Óbidos	Urbana	8,925	34,03	17,711	46,6	20,147	47,55	22,978	49,42
	Rural	17,501	66,73	20,291	53,39	22,16	52,3	23,512	50,59
	Total	26,226		38,002		42,37		46,49	
Prainha	Urbana	1,728	14,04	3,332	7,34	4,196	15,66	7,149	26,18
	Rural	10,576	85,95	42,026	92,65	22,586	84,34	20,152	73,81
	Total	12,304		45,358		26,782		27,301	
Terra Santa	Urbana	-	-	-	-	-	-	10,965	75,14
	Rural	-	-	-	-	-	-	3,627	24,85
	Total	-	-	-	-	-	-	14,592	

Fonte: FIBGE, 1970-2000.

Os dados relativos à população total de Oriximiná indicam um contingente de 18.994 mil habitantes em 1970 contra o de 48.332 mil habitantes em 2000. Nesse intervalo de 30 anos o crescimento da população foi de 21.510 mil. Ao mesmo tempo, se compararmos os demais municípios percebemos que aqueles que indicaram crescimento mais significativo perfizeram um crescimento de aproximadamente 13.000 mil habitantes.

Implantado no contexto do II PND, o pólo mineral de Trombetas acarretou grande impacto no grau de urbanização da região. Os pequenos núcleos urbanos até então se encontravam historicamente polarizadas pela cidade de Santarém. Porém, após a introdução da mineração, a vida de relações entre essas aglomerações e a cidade Oriximiná foram sendo alteradas. Isto, conseqüentemente, explica a alternância no conteúdo das relações no ritmo de crescimento e no papel deste centro na rede urbana regional.

Por abrigar o empreendimento, ao longo dos anos, Oriximiná adquiriu uma fluidez importante, quando investimentos diretos e indiretos dos recursos provenientes do projeto



minerador. Estes dinamizaram o transporte rodoviário, fluvial e aéreo do município, possibilitando uma maior integração entre as cidades, sobretudo, com a melhoria e a construção dos portos fluviais e aeroportos. Este conjunto de transformações internas vem refletindo um dos efeitos da inserção do local às dinâmicas do global, quando obriga a economia regional a abrigar fluxos de investimento, pessoas e mercadorias distintos até então. Neste quadro de novos fluxos de produtos, poder e informação, a velha base territorial estará submetida a mudanças decorrentes desse novo padrão de acumulação e inserção no capitalismo mundial.

A nova racionalidade espacial consolida fluxos distintos, sobrepondo antigas interações (Quadro 02). A rede material e imaterial introduzida no território desmancha e recria antigas relações que por sua diversidade e novidade é dada no espaço de fluxos contemporâneos. Os conteúdos das relações regionais mudam de um período para outro e, por conseguinte, os fluxos se transformam. Aumenta, por exemplo, as interações de Oriximiná com seu entorno, a medida que este núcleo é capaz de oferecer uma gama de bens e serviços superior a de seus núcleos circunvizinhos. Nesse meio termo, a mineração garante a velocidade de circulação de matérias-primas e mercadorias entre os lugares de produção com as áreas de exportação, apresentando uma outra configuração marcada agora por fluxos que perpassam a região. Nesse espaço de fluxos, Oriximiná ao dinamizar os setores da sua economia urbana e ampliar a distribuição de renda e o consumo, em virtude dos efeitos diretos e indiretos da atividade mineradora, diversifica a circulação de mercadorias e serviços por um fluxo de carga interregional originado nas cidades de Uberlândia, Fortaleza, Blumenau, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia, sobrepondo os antigos fluxos que vinham geralmente de Santarém, Belém e Manaus. Com isto, o resultado da expansão dos fluxos apresentam-se como um mapa de circulação mais complexo.

**QUANDO 02 - Interações Espaciais das Cidades do Médio  
Baixo-Amazonas-Pa.**

Cidades do Entorno da MRN	CIDADES												
	Altamira	Belém	Belo Horizonte	Laranjal do Jari	Manaus	Monte Alegre	Nhamundá	Óbidos	Oriximiná	Parintins	Rio de Janeiro	Santarém	São Paulo
Alenquer	3	47	-	-	39	-	-	14	-	-	-	47	7
Curuá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Faro	-	-	-	-	-	-	18	6	33	3	-	-	-
Monte Alegre	-	22	-	-	8	-	46	-	-	-	-	-	-
Prainha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Óbidos	-	44	-	-	44	-	-	-	4	6	-	58	2
Oriximiná	-	45	2	-	47	-	-	2	-	6	6	44	10
Terra Santa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: FIBGE, REGIC, 1993

Esse conjunto de transformações pode ser pensada através da reestruturação do espaço urbano regional considerando que a oferta de atividades e o nível de serviços na região dinamizou-se, como resultado dos processos econômicos, políticos e socioculturais que marcaram o avanço do extrativismo mineral. Assim, a complexificação funcional dos centros e a reestruturação do espaço urbano regional são correlatos, o que contribui para conferir diferentes aspectos no surgimento de novas funções e de processos de refuncionalização de cidades, como nos mostra os dados (Quadro 03) a seguir.

**QUADRO 03 - Médio-Baixo Amazonas/ Oeste do Pará: evolução do número de estabelecimentos por atividade nas cidades, 1970-2000.**

Cidades	Tipo	1970	1980	1999	2000	2001
Alenquer	Indústria	19	34	9	15	16
	Comércio	244	558	156	151	162
	Serviços	41	105	69	99	108
	<b>Total</b>	<b>304</b>	<b>697</b>	<b>234</b>	<b>265</b>	<b>286</b>
Curuá	Indústria	-	-	-	1	1
	Comércio	-	-	1	-	2
	Serviços	-	-	5	11	12
	<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>6</b>	<b>12</b>	<b>15</b>
Faro	Indústria	6	16	-	-	-
	Comércio	39	67	8	7	10
	Serviços	14	28	9	9	16
	<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>111</b>	<b>17</b>	<b>16</b>	<b>26</b>
Monte Alegre	Indústria	11	13	16	19	22
	Comércio	109	300	177	199	215
	Serviços	28	51	52	53	123
	<b>Total</b>	<b>148</b>	<b>364</b>	<b>245</b>	<b>271</b>	<b>360</b>
Óbidos	Indústria	-	0	14	21	24
	Comércio	136	439	156	167	204
	Serviços	37	81	58	52	69
	<b>Total</b>	<b>173</b>	<b>520</b>	<b>228</b>	<b>240</b>	<b>297</b>
Oriximiná	Indústria	27	24	29	40	44
	Comércio	110	214	245	267	278
	Serviços	19	95	127	166	192
	<b>Total</b>	<b>156</b>	<b>333</b>	<b>401</b>	<b>473</b>	<b>514</b>
Prainha	Indústria	1	16	4	7	7
	Comércio	27	304	11	19	1
	Serviços	0	0	7	13	22
	<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>320</b>	<b>22</b>	<b>39</b>	<b>30</b>
Terra Santa	Indústria	-	-	1	2	3
	Comércio	-	-	30	37	43
	Serviços	-	-	20	25	28
	<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>51</b>	<b>64</b>	<b>74</b>

Fonte: FIBGE, 1970-2001

As cidades, entre elas principalmente a de Oriximiná, apresentam no total geral de estabelecimentos econômicos, percentuais de crescimento significativos. Até o início dos anos de 1970, a cidade seguia o seu ritmo pacato, envolvida diretamente com a economia rural de base essencialmente extrativista. Recolhendo a produção, redistribuindo para centros urbanos maiores e prestando um escasso, mas essencial, rol de serviços à zona rural imediata, a cidade de Oriximiná apresentava-se como expressão direta da área de

ação correspondente a sua ordem. Desde então, as relações entre Oriximiná e as demais cidades vêm-se subitamente alteradas com a introdução da atividade de extração industrial. Como resposta a esse quadro regional as cidades apresentaram, no total geral de estabelecimentos econômicos, percentuais de crescimento significativos, sobretudo Oriximiná, que num intervalo de 30 anos, teve o número de atividades e de unidades por atividade econômica alterada de 260 atividades e estabelecimentos em 1970, para um número de 514 em 2001. A partir de então, a cidade de Oriximiná aumentou e intensificou suas relações, principalmente, com as cidades situadas no seu entorno imediato e com as metrópoles nacionais (São Paulo e Rio de Janeiro), as capitais regionais (Manaus e Belém) e os centros regionais (Santarém).

Outro aspecto, diretamente, associado à mineração que conta para a mudança na trajetória sócio-espacial dos centros urbanos ainda em reestruturação, é a seletividade que ocorre na região quanto à distribuição do repasse de verbas estaduais e federais, que majoritariamente, se concentra na sede municipal do empreendimento minerador. Fica claro, que a geração de tributos e compensações financeiras, direta ou indiretamente associada à expansão e comercialização da produção de minérios transformou a realidade econômico-financeira e a autonomia dos municípios, contribuindo para ampliar o quadro de desigualdade social e espacial entre os municípios e as cidades.

Um dos efeitos desencadeadores provocados pela alocação de projetos econômicos de grande porte na região foi a criação de diversos serviços em setores, como: o transporte, a construção civil, o comércio e administração pública estimulados indiretamente pela instalação dos empreendimentos produtivos ou infra-estruturais no município-sede necessários à implantação da mineração. Isso ilustra a posição de destaque que o município de Oriximiná passa a ocupar em relação aos demais, ao ser favorecido pelo aumento de outra receita na sua arrecadação o Imposto sobre Serviço (ISS). Evidentemente que o aumento dessa receita provocou efeitos positivos para o município-sede, porém ele não ocorreu de forma linear causando diferenciações na arrecadação entre os demais municípios da região de entorno.

**Quadro 04: Estado do Pará: ISS Transferidos aos Municípios - 1995-2000 (em R\$1,00).**

Municípios	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Alenquer	-	-	51.372,04	69.897,75	45.193,59	-
Curuá	-	-	8.800,28	17.118,24	31.770,24	-
Faro	-	-	-	23.626,57	24.869,28	-
Monte Alegre	16.007,19	-	43.936,17	94.195,27	78.772,19	-
Óbidos	16.754,96	18.874,18	19.095,76	48.357,12	62.270,76	-
Oriximiná	989.125,13	1.541.127,02	2.246.616,62	1.090.172,92	1.250.550,38	132.94672
Prainha	1,02	1,3	1.069,74	22.399,11	469,62	-
Terra Santa	-	-	-	-	-	-

Fonte: SEFA-PA.

No quadro 04, que reúne os dados referentes ao Imposto sobre Serviço, observa-se que o município de Oriximiná é nitidamente o que apresenta maior crescimento na arrecadação de ISS, com elevado índice de crescimento. Este dado revelador evidencia-se quando em menos de quatro anos as taxas de arrecadação elevaram-se em 90%, basta comparar com a arrecadação dos outros municípios, em que a evolução registrada na arrecadação tem se dado por uma baixa taxa de crescimento, ou em alguns casos, até mesmo, pela redução da receita.

Um outro exemplo dessa diferenciação espacial das receitas verifica-se, do mesmo modo, para o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) que, conforme frisado anteriormente, tem valor da sua transferência ampliada quando a indústria metalúrgica gera um aumento na produção de produtos (semi) beneficiados localmente. A verificação desse quadro, acréscimo da receita tributária, reforça a diferenciação econômico-financeira entre o município que sedia a indústria de beneficiamento do minério em relação aos municípios alijados da atividade mineradora.

**Quadro 05: Estado do Pará: IPI Transferidos aos Municípios - 1995-2000 (em R\$1,00).**

Municípios	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Alenquer	30.996,14	39.034,05	43.909,21	40.539	44.077,90	71.320,00
Curuá	--	--	13.363,67	12.338,01	15.914,18	23.131,00
Faro	3.814,14	4.803,18	19.090,96	17.625,72	21.739,21	36.624,00
Monte Alegre	39.813,35	50.137,29	57.272,89	52.877,17	51.282,87	69.392,00
Óbidos	40.610,00	51.141,00	59.182,00	54.640,00	54.676,00	75.175,00
Oriximiná	198.191,56	249.584,35	447.274,05	440.643,10	469.451,67	601.398,00
Prainha	15.269,62	19.229,16	21.000,06	19.388,30	25.132,39	44.334,00
Terra Santa	39.212,49	49.380,62	57.272,89	52.877,71	34.735,37	26.986,00

Fonte: SEFA-PA.

O Quadro 05 mostra o crescimento substancial da receita transferida pelo IPI para o município de Oriximiná. As variações no comportamento dessa receita entre 1995 e 2000 evoluíram numa proporção 2 vezes mais que a receita de todos os demais municípios adjacentes. O exemplo desse crescimento se dá quando a participação de Oriximiná na receita do IPI em 1995 passa de 50% para 70% em 2000, enquanto que para os outros a variação da receita se mantém abaixo de 10%. Por tanto, nos anos do período analisado a receita do IPI de Oriximiná triplicou, de 198 mil reais em 1995 atingiu em 2000 o valor de 601 mil reais, tendo um crescimento de 403 mil reais.

Outro ponto importante a ser observado sobre a diferenciação espacial financeira é a existência de um sistema de manutenção à parte que tende a reforçar as desigualdades

entre os municípios, no caso específico o repasse do CFEM<sup>11</sup> (*royalties*<sup>12</sup>) para o município de Oriximiná. A importância dos *royalties* da bauxita no orçamento do município pode ser percebida quando analisado ao conjunto das finanças municipais. A arrecadação com os *royalties* (Quadro 06) da bauxita tende a ultrapassar os valores das transferências constitucionais do estado.

**Quadro 06 - Oriximiná: CFEM Transferido ao Município 1996-2001 (em R\$1,00)**

Município	Anos					
	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Oriximiná	5.868.269,99	6.264.182,21	7.673.691,74	10.595.262,63	10.969.224,15	13.219.864,41

Fonte: TCM – PA (1996-2001)

O repasse do CFEM (*royalties*) para o município de Oriximiná representa um sistema a parte que tende a reforçar as desigualdades intermunicipais. Ao observar a tabela 06 nota-se, em 5 anos, um aumento de, aproximadamente, 125,27% no orçamento do município. A tendência é que com o crescimento da extração e do beneficiamento da bauxita, as finanças desse município deverão continuar a ter incrementos significativos. Dentro desse contexto relativo à receita tributária, o peso do CFEM no orçamento municipal assume grande importância, e, conseqüentemente, amplia as diferenciações espaciais financeiras entre os municípios, causando grande impacto nos orçamentos e na capacidade de gastos dos governos subnacionais, principalmente, os menos dinâmicos.

Ficou evidente, pelos dados expostos anteriormente, que o município que conformar a atividade de extração mineral apresenta um orçamento sensivelmente superior aos dos demais municípios que não recebem CFEM; que apenas um município conta com infraestrutura logística e de comunicação; que a administração pública local situa-se favorecida mediante a capacidade de investir em atividades produtivas, equipamentos coletivos e na capacitação de pessoal; e que somente um município conta com pessoal diretamente ocupado na extração da bauxita. Assim, pode-se deduzir que as perspectivas de crescimento desse município são prováveis caso a eficácia administrativa do poder municipal se mantenha e a distribuição dos *royalties* não se altere.

#### **4 - Os Efeitos Locais do Pólo de Extração Mineral de Porto Trombetas**

Grandes investimentos provocam impactos que desarticulam a estrutura do lugar em que se implantam, desencadeando mudanças estruturais sobre a organização social,

<sup>11</sup> Compensação Financeira pela Exploração Mineral – CFEM.

<sup>12</sup> Os *royalties* definidos na Constituição de 1988 devem ser entendidos como uma compensação ou uma prestação financeira paga, principalmente, a Estados, Distrito Federal e Municípios, para compensar os danos e os custos sociais e ambientais decorrentes do ato de exploração dos recursos naturais (BUNKER, 1999; COELHO *et al.* 2000; SANTOS, 2001)

política e espacial. Nesse quadro de mudanças e reestruturações espaciais impostas pelas transformações econômicas instauradas, nas últimas décadas, a “urbanização da sociedade” e do “urbanização do território” (SANTOS, 1998) irão contribuir para afetar o reordenamento de regiões e criar novas espacialidades. Espaços urbanos ainda em reestruturação, como o do Médio Baixo Amazonas, estão submetidos a intensas transformações, que se tratam de impactos da globalização estimulados regional e localmente pela inserção do município e da cidade de Oriximiná, na dinâmica do circuito espacial produtivo do alumínio.

A partir dessas colocações, a urbanização do território abre perspectivas para uma nova compreensão dos papéis desempenhados pelas cidades, fazendo-se mostrar diversos fenômenos de reestruturação de funções de cidades e do aparecimento de novos centros urbano, neste caso, tendo como destaque as cidades que se cristalizam à retaguarda do avanço agrícola e do extrativismo mineral em regiões remotas do território brasileiro (DAVIDOVICH, 2002). Neste contexto, a consolidação de novas funções e de processos de refuncionalização na cidade de Oriximiná associados ao surgimento de novas formas de ocupação no espaço regional, a *Company-Town* de Porto Trombetas, abrem perspectivas para um exemplo típico de reestabilização estrutural que mescla efeitos de continuidade e mudança na estrutura sócio-espacial.

Diante das transformações ocorridas, torna-se necessário examinar os parâmetros, que a mineração introduziu no atual processo de urbanização do espaço regional. Nesta perspectiva, é possível ressaltar a importância e o significado do processo de integração das fronteiras à economia nacional, e como ele foi capaz de reordenar o urbano de modo a promover o aparecimento de novas cidades, alterar o tamanho das já existentes, dinamizá-las ou estagná-las, ou mesmo condená-las ao desaparecimento (MACHADO, 1995; RIBEIRO, 1997).

A cidade de Oriximiná, ao se situar em área de floresta equatorial densa, desde a sua fundação destacou-se pela comercialização de produtos extrativistas. Na época do extrativismo tradicional, a vida econômica local, acompanhava a sazonalidade da coleta dos produtos extrativistas e o movimento de entrada e saída de embarcações no porto. O seu sítio urbano limitava-se a uma quadra e duas ou três ruas paralelas ao rio. O período em questão estende-se até a década de 1970, quando por volta de 1976 iniciaram-se, em plena selva amazônica, as atividades do pólo mineral de Trombetas. A partir de então, o município e a cidade voltaram-se novamente para atividades de extração, só que dessa vez a industrial.

A cidade de Oriximiná, contemporaneamente, já não é a mesma de antes. As mudanças são sensíveis. Observando-a constatamos que suas funções fluviais/portuárias

permaneceram importantes, mas com a instalação, o desenvolvimento e a ampliação da atividade de extração mineral, atualmente, a cidade vem evoluindo transformando-se num centro de comércio e de serviços de importância crescente na região.

Os cerca de 28 anos de presença da mineração de bauxita pela MRN foram suficientes para nos depararmos com uma cidade que se apresenta de forma diferente para quem chega - novas praças, ruas asfaltadas, escolas, conjunto habitacional, biblioteca municipal, centro poliesportivo, clínicas médicas, laboratórios, supermercados, novas lojas, hotéis, pousadas, firmas de engenharia – a cidade vivencia uma evolução urbana que está intimamente relacionada a intervenção da MRN, sobretudo, nos últimos nove anos, quando a capacidade de investimento do município ampliou-se por conta do recebimento dos *royalties* da mineração pagos pela empresa. Deste modo à cidade vai conhecer uma transformação na sua “construção material”, seja na expansão urbana, seja na ampliação de equipamentos e serviços, seja na sua vida de relações.

Assim, alguém observando Oriximiná tal como é, havia imaginado que a expansão nas formas de ocupação e uso do solo, iniciado em décadas anteriores, atingiria um tipo de dinamismo que aos poucos vai adquirindo, proporcionalmente, distinções percebíveis no uso do solo urbano, isto talvez se explica pela expansão mais recentes de sete novos bairros na direção continental, oposta ao rio.

Até os últimos 14 anos, Oriximiná era um centro varejista pequeno, com predominância de um comércio de estivas e secos e molhados dominado por descendentes de italianos. Nessa época, as mercadorias vinham, predominantemente, de Belém, Santarém e Manaus. No decorrer dos anos, a cidade adquiriu, caracteres totalmente novos relativamente associados à intervenção da frente mineral no município. Tais transformações concretizaram-se pela ampliação na oferta de serviços e empregos (Quadro 07), principalmente, quando a Prefeitura Municipal de Oriximiná passa a dispor de obtenção de repasse de verbas estaduais e federais, geralmente aplicadas na criação de novos postos públicos de trabalho.

**QUADRO 07** - Mercado Formal de Trabalho: o peso do emprego público por cidade, 1986-1999.

CIDADES	ANOS													
	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Alenquer	571	498	622	236	270	389	470	479	710	208	204	534	518	551
Curuá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	182
Faro	22	74	163	160	147	120	17	108	120	109	134	92	150	134
Monte Alegre	620	909	570	608	518	566	704	708	684	665	690	689	803	786

Òbidos	1.053	973	952	731	708	725	855	1082	998	1.005	968	835	787	880
<b>Oriximiná</b>	<b>3.065</b>	<b>3.854</b>	<b>2.518</b>	<b>4.141</b>	<b>4.290</b>	<b>4.501</b>	<b>3.821</b>	<b>3.662</b>	<b>3.738</b>	<b>2.952</b>	<b>4.065</b>	<b>3.007</b>	<b>3.334</b>	<b>3.580</b>
Prainha	584	543	598	858	454	544	93	251	311	284	255	284	423	443
Terra Santa	-	-	-	-	-	-	-	-	11	14	23	39	38	31

Fonte: Ministério do Trabalho, RAIS (1999); Grupo Retis.

Fica claro, que de modo geral, o mercado de trabalho nessas cidades do Médio Baixo Amazonas, encontra-se vinculado às atividades de caráter rural, uma vez que a maior parte desta população está empregada nas atividades extrativistas tradicionais. Apesar disso, há que se ressaltar que o mercado de trabalho nessas cidades sofreu modificações, demonstrando particularmente a capacidade de geração de emprego diferenciada entre ambas, especialmente a cidade de Oriximiná, que mediante seus índices reforçar, mais uma vez, a idéia de um crescimento seletivo no espaço, resultante direto da implantação da mineração. Por isso, entre os anos de 1986 a 1999, os dados revelam um índice de crescimento total de 265,36% para Oriximiná, em quanto as demais cidades apresenta níveis de crescimento menores: Óbidos com 64,69%, Monte Alegre com 49%, Prainha com 32% e Alenquer com 29% postos de trabalho.

Outro ponto importante é que nos últimos anos a cidade de Oriximiná vem sendo dotada de novas funções e/ou da revitalização de suas antigas funções de forma a caracterizar processos de refuncionalização. Atualmente, a função urbana de Oriximiná resulta, então, essencialmente, da substituição dos armazéns – nos quais se amontoavam freqüentemente os mais variados produtos, desde livros, bebidas e enlatados, até rolos de arame farpado, arados, sacos de sal – por um comércio mais especializado. Essa função concretiza-se pelo surgimento de um grande número de lojas, ligadas ao comércio de remédios, produtos agropecuários, aparelhos eletrodomésticos, filmes fotográficos, artigos importados, motocicletas novas, móveis e estofados, antenas parabólicas, e principalmente, pela cidade ter se transformado num centro de redistribuição de confecções.

A função urbana de Oriximiná modifica-se a transformando num pólo de atração para os habitantes do Médio-Baixo Amazonas, função esta estimulada de algum modo pela situação política e econômica provida de fora, pela mineração, que teve por consequência o crescimento e a evolução urbana da cidade, a formação de uma população urbana totalmente dependente dos royalties e o privilégio de alterar o pequeno papel deste centro local ampliando sua importância, que seja como for agora anima a vida no baixo vale do Amazonas.

Por fim, há que se considera que a partir da criação da *Company-Town* de Porto Trombetas uma nova tendência na vida de relações entre as cidades da região se formou,



provocando mudanças irreversíveis nos padrões relacionais das interações. Aos poucos, a conexão entre a vila residencial e a cidade de Oriximiná adquiriu novas feições, até porque com a modernização e a criação de novos serviços urbanos, tais cidades passaram a interagir juntas, mesmo que de formas distintas. Para estabelecer as ligações que orientam a vida das duas cidades, a MRN vem realizando parcerias com a Prefeitura Municipal de Oriximiná na construção de obras públicas e serviços prestados à comunidade, patrocina festividades locais como a do padroeiro da cidade – Círio de Santo Antônio, credencia estabelecimentos comerciais de médio e grande porte para fornecer produtos quando houver necessidade; apóia e estimula a realização de oficinas em parceria com o governo do Estado, a Prefeitura Municipal, o Senac e a Fiepa para treinar e aprimorar o atendimento dos comerciantes de acordo com as exigências da empresa. A MRN, também, promove festivais regionais para que os melhores comerciantes possam vender seus produtos na vila residencial. Não devemos esquecer que as articulações, ao mesmo tempo, ampliam-se no momento de expansão das minas ou de intensificação dos projetos de reflorestamento na área da mineração, que por isso recruta mão-de-obra na cidade através das terceirizadas. Outras interações são motivadas ainda, pelo estabelecimento de filiais de algumas lojas do centro cívico e comercial de Porto Trombetas na cidade de Oriximiná, esse tipo de interação é dada não apenas por isso, mas também pelo aumento da frequência de clientes da mineração que os lojistas de Oriximiná possuem.

Pode-se perceber que o nível de relação da vila com o seu entorno e de seus habitantes com a região é muito mais intenso do que se esperava, por mais que o núcleo venha atendendo às necessidades básicas dos moradores. Assim, de diversas maneiras, as relações sociais entre a cidade planejada e a cidade espontânea são intensas. Mesmo que a *Company-Town* continue a receber um movimento denso de mercadorias e pessoas externas a região, mesmo que espacialmente ela possa ser um núcleo separado da cidade, e ainda que seja um contraste em termos de condição de vida e de emprego.

## **5 - Considerações Finais**

O debate da questão central levantada no texto, concernente ao papel estruturador exercido pela mineração e pela inserção de regiões periféricas à dinâmica de circuitos espaciais produtivos, conduzem a reflexão sobre a capacidade das forças globalizantes interferirem na recriação de diferenças entre espaços sub-regionais e centros urbanos.

As mudanças no lugar são o resultado de uma combinação sempre particular entre a herança local e as lógicas e demandas das corporações globais. As configurações das cidades obedecem a lógicas distintas associadas a circuitos mundiais, regionais e locais de produção e circulação. As forças da globalização tendem a impulsionar a especialização

produtiva dos territórios. Um novo relevo na estrutura espacial da vida de relações entre cidades emerge, tornando as interações espaciais mais complexas e intensas.

## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, R. & CASTRO, E. **Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios**. Belém: editora CEJUP, 1998.
- ARROYO, Mônica. Território Brasileiro e Mercado Externo: uma leitura dessas relações na virada do século XX. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Campinas: Editora Territorial, 2003. p.428-457.
- BRÜSEKE, Franz Josef. A Extração de Recursos Minerias (Não-Renováveis) e o Desenvolvimento Econômico. In: COELHO, M. C. N. & COTA, R. G. (Org.). **Dez Anos da Estrada de Ferro Carajás**. Belém: UFPA/NAEA, Editora Gráfica Supercores, 1997. p. 25-50.
- BUNKER, S. *Undeveloping the Amazon*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Joint Ventures em Ambientes Frágeis. O Caso do Alumínio na Amazônia*. **Novos Cadernos do NAEA**. v.3, n. 1, jun. p.5-45.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre a Renda do Solo e a Tributação no Pará. Belém, **Paper do NAEA**, n.159.
- \_\_\_\_\_. Os Fatores Espaço-Materiais da Produção e os Mercados Globais. Mimeo, 2003.
- CASTELLS, M. *A Sociedade Em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617p. v. 1.
- CAPEL, Horacio. *De Las Funciones Urbanas e Las Dimensiones Básicas de Los Sistemas Urbanos*. **Revista Geografia**, Barcelona, ano 2, n.6, p. 218-248, 1972.
- CARDOSO, F. H. & FALETTO, E. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1970.
- COELHO, M. C. N. & COTA, R. G. **Dez anos da Estrada de Ferro Carajás**. Belém UFPA/NAEA, Editora Gráfica Supercores, 1997.
- COELHO, M. C. N.; MONTEIRO, M. A. LIRA, S.B. de & LOPES, A. G. Estratégias De Modernização Na Amazônia E A (Re) Estruturação De Municípios. O Caso Da Implantação De Empresas Mínero-Metalúrgicas E De Energia Elétrica. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, A.C.& GALVÃO, A.F. **Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: UNESP, ANPUR, 2003.
- COELHO, M. C. N & MONTEIRO, M. A. Verticalização Da Produção E Variedade De Situações No Espaço Funcional Do Alumínio Nos Baixos Vales Do Amazonas E Tocantins. **Território**, Rio de Janeiro: Garamond, anoVII, n.11,12 e 13, p.29-48, jul 01/ Dez 02.2000.
- COELHO, M. C. N. Políticas e Gestão ambiental (des) integrada dos recursos minerais na Amazônia Oriental. In: COELHO, M. C. N *et al.* **Estado e Políticas Públicas na Amazônia. Gestão de Recursos Naturais**. Belém: CEJUP, p.117-170, 2000.
- \_\_\_\_\_. Cidades da Amazônia em Busca de Novas Interpretações e de Novos Rumos. In: FATHEUR, T. ARROYO, J. C. e MACHADO, J. A. da C. (Orgs.) **Amazônia: estratégias de desenvolvimento sustentável**. Belém: FASE, DED, FAOR, FETAGRI, NAEA/UFPA. p. 46-53, 1998.
- \_\_\_\_\_. Impactos Ambientais em Áreas Urbanas - Teorias, Conceitos e Métodos de Pesquisa. In: CUNHA, Sandra Baptista & GUERRA, José Teixeira (Orgs.). **Impactos Ambientais Urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p.19-45, 2001.
- CORRÊA, Roberto L. A Rede Urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre uma temática à margem. **Cidades**, Presidente Prudente, vol.1, n.1, p.65-78, jan./jun.2004.
- \_\_\_\_\_. A Rede Urbana Brasileira e a sua Dinâmica: algumas reflexões e questões. In: SPÓSITO, M. E. B. **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: [s.n.], 2001. p.359-367.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a Dinâmica Recente da Rede Urbana Brasileira. ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, IX, 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, vol. 1, 2001a. p.424-430.
- \_\_\_\_\_. Rede Urbana e Formação Espacial - uma reflexão considerando o Brasil. **Território**, Rio de Janeiro: Garamond, anoV, n.8, p.121-129, jan./jun.2000.

- \_\_\_\_\_. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana - Uma Nota sobre as Pequenas Cidades. *Território*, Rio de Janeiro, n.6, p.43-153, jan./jun.1999.
- \_\_\_\_\_. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.279-318.
- \_\_\_\_\_. Estudos das Relações entre Cidade e Região. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 31 (1), p.43-56, 1969.
- \_\_\_\_\_. A Periodização da Rede Urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 49 (3), p.39-68, jul./set.1987b.
- \_\_\_\_\_. A Rede de Localidades Centrais nos Países Subdesenvolvidos. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 50(1), p. 61-83, jan/mar.1988.
- \_\_\_\_\_. A Organização Urbana. Geográfica do Brasil. v.3, p. 255-271. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.
- \_\_\_\_\_. Hinterlândias, Hierarquias e Redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. . *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 51(3), p. 113-137, jul./set.1989.
- \_\_\_\_\_. Metrôpoles, Corporações e Espaço: uma introdução ao caso brasileiro. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo César da C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). *Brasil: questões atuais da organização do território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p.67-114.
1995. p.15-47.
- \_\_\_\_\_. Redes, Fixos e Fluxos: uma introdução. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. SIMPURB, III, 1993, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SIMPURB, vol.1, 1993. p. 31-33.
- \_\_\_\_\_. *A Rede Urbana*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994. 96p.
- \_\_\_\_\_. O Estudo da Rede Urbana: uma proposição metodológica. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 50, n.2, p.107-124, abr./jun.1988.
- \_\_\_\_\_. Os Estudos de Redes Urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: FIBGE, ano 29, n.,4, p.93-116, out./dez.1967.
- DAVIDOVICH, F. Refuncionalização do Espaço Geográfico, uma Abordagem Preliminar. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: FIBGE, ano 56, n.1/4, p.301-306, jan./dez.1994.
- \_\_\_\_\_. Tendências da Urbanização no Brasil, uma Análise Espacial. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 51(1), p. 73-88, 1989.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a Urbanização no Brasil. In: BECKER, Bertha K.; CHRISTOFOLLETI, Antonio; DAVIDOVICH, Fany; GEIGER, Pedro P. (Org.). *Geografia e Meio Ambiente no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 3ed, 2002.
- \_\_\_\_\_. Funções Urbanas no Nordeste, *Revista Brasileira de Geografia*, 40(2), p. 142-191, abr/ jun., 1978.
- ELIAS, Denise. *Meio Técnico-Científico-Informacional E Urbanização na Região Metropolitana de Ribeirão Preto (SP)*. 1996. 294f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.
- FRESCA, Tânia Maria. *A Dinâmica Funcional da Rede Urbana do Oeste Paulista*. 1990. 281f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1990.
- GEORGE, Pierre. *Geografia Urbana*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- GONÇALVES, Maria Flora, et. al. (org.) *Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Editora da Unesp/Anpur, 2003. 728p.
- GREGORY, Derek. Teoria Social e Geografia Humana. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron;
- GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp. 1991.
- GIDDENS, A & PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens*. São Paulo: Editora FGV. 2000.
- GIDDENS, A & TURNER, J. *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora Unesp. 1999.

- SMITH, Grahan. (org.). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p.90-122.
- HARVEY, David. **The Limits to Capital**. Chicago: Basil Blackwell Publisher, 1982. 478p.
- HOBSBAWN, Eric. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- IANNI, O. **Teoria da Globalização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1971.
- KELLER, Elza C. de S. As Funções Regionais e a Zona de Influência de Campinas. **Revista Brasileira de Geografia**, 31(2), p. 3-29, 1969.
- MACHADO, Lia Osório. Mitos y Realidades de la Amazônia Brasileña em le Contexto Geopolítico Internacional, 1540-1912.1989. 000f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de Barcelona, Barcelona. 1989.
- \_\_\_\_\_. Sistemas “Longe do Equilíbrio” e Reestruturação Espacial na Amazônia. **Cadernos do IPPUR**, Rio de Janeiro: UFRJ, ano IX, n. 14, p.83-106, jan/dez. 1995.
- \_\_\_\_\_. A Fronteira Agrícola na Amazônia Brasileira. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 54(2), p. 27-55, abr./jun.1992.
- \_\_\_\_\_. A Geopolítica do Governo Local: proposta de abordagem aos novos territórios urbanos da Amazônia. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. SIMPURB, III, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SIMPURB, vol.1, 1993. p. 83-90.
- MATTOS, Rogério Botelho de. Transformação na Organização Espacial numa Região de Fronteira: o caso da região ocidental paraense. **Cadernos de Geociências**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 33-45, jan. 1994.
- OFFNER, Jean-Marc; PUMAI, Denise. **Reseaux e territoires: significations croisées**. Paris: L’Aube, 1996.
- PERROUX, F. Os Pólos de Crescimento. In: **A Economia do Século XX**. Lisboa: Livraria Moraes, 1967.
- PROJETO TROMBETAS. **CVRD Revista**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.21-28, nov. 1980.
- PIRES DO RIO, Gisela. **Délocalisation de l’industrie de aluminium et géographie industrielle: entre lès contraintes énergétiques et les contraintes environnementales**.(Tese de Doutorado) Paris, 1994.
- \_\_\_\_\_. As Relações Espaço-Indústria: localização de plantas de alumínio na Amazônia. In: MAGALHÃES, S.B., CASTRO *et al.* (Orgs.) **Energia na Amazônia**. Belém: NUMA< NAEA-UFPA, MPEG E UNAMAZ, 1996, p.825-834.
- RIBEIRO, Miguel Ângelo C. **A Complexidade da Rede urbana Amazônica: três dimensões de análise**. 1998. 000f (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- ROCHEFORT, M. A. Organização Urbana da Amazônia Média. **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro, 13 (3 e 4), p. 15-29, 1959.
- RODRIGUES, Elza Ferreira. As Funções Regionais e as Zonas de Influência de São Luís. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 33(4), p. 67-97, out/dez.1971.
- RODRIGUES, Roberta Menezes. **Company-Towns e Empresas de Extração e Transformação Mineral na Amazônia oriental: especificidades, processos e transformações de um modelo urbanístico**. 2001. 000f. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Curso Internacional de Mestrado Interdisciplinar em Planejamento do Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Pará, Belém. 2001.
- \_\_\_\_\_. Desvendando Formas e Conteúdos: núcleo urbano de Carajás. In: TRINDADE Jr., S. C. & ROCHA, G. de M. **Cidade e Empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local**. Belém: Paka-Tatu, 2002. p.113- 136.
- RODRIGUES DA SILVA, M. A. 1997. Os *Royalties* da Mineração: problemas e perspectivas para promover o desenvolvimento sustentável das regiões mineradoras da Amazônia Oriental. In: **Anais do XXV Encontro Nacional de Economia**. Recife (PE). p.255-271.
- SANTOS, R. A. O. História Econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- SANTOS, Milton. Modo De Produção Técnico-Científico e Diferenciação Espacial. **Território**, Rio de Janeiro, n.6, p.5-20, jan./jun.1999.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. Os Espaços da Globalização. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. SIMPURB, III, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SIMPURB, vol.1, 1993. p. 33-37.

\_\_\_\_\_. *A Natureza Do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção.* São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.

\_\_\_\_\_. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional.* São Paulo: Hucitec, 1994. 190p.

\_\_\_\_\_. *Por Uma Economia Política Da Cidade: o caso de São Paulo.* São Paulo: Hucitec, 1994a. 145p.

\_\_\_\_\_. *A Urbanização Brasileira.* São Paulo: Hucitec, 1993. 147p.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Método.* São Paulo: Nobel, 1985. 88p.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Sociedade.* Petrópolis: Vozes, 1979a. 152p.

\_\_\_\_\_. **Economia Espacial: críticas e alternativas.** 2 ed. São Paulo: Unesp, 2003.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XX.** Rio de Janeiro: editora Record, 2001.

SANTOS, S. H. dos. *Royalties do Petróleo à Luz do Direito Positivo.* Rio de Janeiro: Esplanada, 2001.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial.* São Paulo: Studio Nobel, 1998. 190p.

SILVEIRA, Maria L. Uma Situação Geográfica: do método à metodologia. *Território*, Rio de Janeiro, ano IV, n.6, jan./jun. 1999. p.21-28.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana: análise da evolução econômica de São Paulo*, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. 378p.

SOJA, Edward W. Uma Concepção Materialista da Espacialidade. In: BECKER, B.K.; COSTA, R.H.; SILVEIRA, C.B. (org.). *Abordagens políticas da espacialidade.* Rio de Janeiro: UFRJ/Departamento de Geografia/Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1983. p.22-74.

\_\_\_\_\_. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

TROMBETAS Inicia o Primeiro Carregamento de Bauxita para os Estados Unidos e Canadá. **Mineração e Metalurgia**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 414, p. 4-10, set., 1979.